

## A (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DO MITO DO PAPA-FIGO NA CIDADE DE BAYEUX-PB

Maria da Luz da Silva  
UEPB  
marialuzds@yahoo.com.br

Este trabalho visa a (re)construção do mito do Papa-figo na cidade de Bayeux-PB, pelos alunos do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Assis Chateaubriand, que entrevistaram junto a população local acerca do mito. Esse mito no imaginário da população sofria de uma terrível doença “a lepra” (Hanseníase), cuja cura seria obtida através da ingestão de fígado humano. Durante muitos anos as histórias a cerca deste mito foram passada através da oralidade de pais para filhos, na maioria das vezes essa lenda relacionava-se ao desaparecimento de crianças da comunidade e os pais apropriaram-se deste mito para amedrontar seus filhos para que estes não saíssem para brincar tarde na rua, eles descreviam o papa-figo como um homem cheio de chagas, com orelhas enormes e deformadas, com dentes pontiagudos e que andavam com um grande saco nas costas onde colocava as crianças que conseguia enganar com doces e promessas de brinquedos.

**Palavras chave:** Leprosário, doença, imaginário

O município de Bayeux localiza-se na Grande João Pessoa abriga a Colônia Getúlio Vargas, criada em 1938 tendo como primeiro diretor o Dr. Edson Augusto Almeida, e como primeiro paciente o Sr. João Ferreira da Silva, que trata da hanseníase e ainda hoje configura-se como um centro de tratamento, mas diferentemente do objetivo de sua fundação não destina-se a residência dos doentes. Do imaginário popular da cidade, permanece uma construção de que a cura da doença (hanseníase) aconteceria mediante a ingestão de fígado humano, assustando aos habitantes citadinos, então como construir essa imagem de cura? Associando a cura ao papa-figo.

A presente pesquisa visa analisar a imagens estereotipadas no imaginário popular citadino, que pode também ter contribuído para a exclusão dos doentes, tornando-os cada vez mais internos sem perspectiva de serem aceitos no meio social.

A nossa pesquisa esta ancorada na Nova História e esta discussão teórica ampliou os conceitos de documentos, e segundo Le Goff<sup>1</sup> o documento deixou de serem apenas textos escritos passando a ser todo tipo de vestígio humano tomando por base as multiplicidades e variedades dos documentos como: fotografias, documentos orais, escavações

arqueológicas, filmes entre outros. Com a proposta dessa revolução documental possibilitou-se a abrangência de um novo campo de estudo que é a história oral.

PRINS<sup>2</sup> é sábio quando propõe que a história oral não deve ser vista como uma substituta das fontes documentais escritas, pois as fontes orais corrigem perspectivas apontadas pelos documentos oficiais e vice-versa. Desta maneira nossa pesquisa tem como base a história dos esquecidos, ou seja, da população do município de Bayeux que com as suas experiências de vida aprenderam e construíram mitos em torno da figura do portador de hanseníase. Devido a esta nova forma de abordar, com os depoimentos dos habitantes da cidade de Bayeux espera-se verificar, com o imaginário cotidiano acerca da construção de imagens negativas e preconceituosas sobre os doentes na Colônia Getúlio Vargas, já que os documentos oficiais não relatam estas questões, que de certa forma apresentam detalhes peculiares às relações sociais locais dos infectados dentro e fora da instituição.

A lepra, ou seja, a hanseníase é uma das doenças infecciosas, porém é menos contagiosa e sua transmissão de pessoa para pessoa é bastante rara. O nome desta doença dá-se em homenagem a G. H. Armaues Hansen que descobriu o germe da lepra, cujo agente é o bacilo *Mycobacterium leprae*, alojando-se nas partes mais frias do corpo humano, desenvolvendo-se lentamente e seus portadores sofrem mais com o preconceito, pois os infectos contagiados eram tidos como pessoas intocáveis durante muito tempo. A hanseníase se faz presente em nosso meio desde os tempos bíblicos, e foi a partir da primeira década do século XX que a hanseníase passou a ter cura e mesmo assim seus portadores ainda são vítimas de preconceitos.

No Brasil o Ministério da Saúde assistencializa os portadores, através de informações repassadas aos seus núcleos dermatológicos e ou mesmo centro de saúde municipais além de hospitais de como prevenir, formas de contágios e principais incidências corporais nas pessoas e expõe que: “A hanseníase é uma doença infecto-contagiosa, de evolução lenta, que se manifesta principalmente através de sinais e sintomas dermato neurológicos: lesões na pele e nos nervos periféricos, principalmente nos olhos, mãos e pé”.<sup>3</sup>

Diante do que fora citado acima podemos analisar que por ser uma doença cutânea, oferece certo incomodo nas pessoas que a observam e nos próprios portadores, uma vez que, ao perceber o “olhar” do outro se sente violentado, nesta sociedade prescrita na aparência e não no ser.

Segundo a portaria 585/MS comentada pelo Diretor administrativo Sr. Geraldo esta com a política de reestruturação de todos os hospitais colônias do Brasil e neste, encontra-se também a cidade de Bayeux que o 5º município prioritário no combate a hanseníase. A Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba promovem através do convênio 2591

capacitações com os profissionais do PSF's, para tentar amenizar a situação da defasagem e desqualificação de profissionais para atuarem no combate contra hanseníase.

Existem muitos portadores desta doença, que outrora não havia um tratamento específico, nem mesmo conhecimento apurado na literatura médico-hospitalar, mas essa realidade difere da atual, hoje há tratamento, mesmo que admite o diretor da colônia, "insipiente", pois muita das políticas empregadas pelo governo no combate a esta moléstia, através dos postos de atendimento, não oferecem informações nem serviços adequados, já que em grande parte dos profissionais por vezes não são da área médica, no entanto o fazem; comprometendo significativamente o serviço indaga o Sr. Geraldo, acrescentando ainda que a maioria dos portadores que procuram tratamento, esta em alto grau de estágio corpóreo e poderia ser diferente se de fato as políticas empreendidas pelo Governo Federal através do Ministério da Saúde surtisse efeito no início do contágio, já que, há uma forte probabilidade dos infectados serem curados ou mesmo controlar a doença, em caso mais avançados que pode haver cura, porém com algumas seqüelas. Em nossa observação com os pacientes da Colônia Getúlio Vargas, notamos as seqüelas dentre elas, perdas de membros ou partes destes como dedos.

A Colônia Getúlio Vargas ela foi edificada no meio de uma floresta tropical, no bairro do Rio do Meio, mas agora por conta do crescimento populacional do bairro o mesmo foi dividido em dois. E a instituição passou a pertencer o Conjunto Mário Andreazza. Primeiramente denominada de Leprocômio daí ser conhecida popularmente como Leprosário, teve o início de suas edificações em 1938 e sua fundação ocorreu no dia 12 de julho de 1941 e teve este nome em homenagem ao então presidente Getúlio Dornelles Vargas e o fundador fora o interventor Dr. Rui Carneiro. A estrutura física da Colônia Getúlio Vargas é composta por: laboratórios, enfermarias masculinas e femininas, capela, casas para os albergados, cemitério, diretoria, área de lazer, almoxarifado, administração entre outros.

Nos registros da Colônia o primeiro Diretor da instituição foi o dermatologista Dr. Edson Augusto de Almeida, e como administrador o Sr. Belarmino Carneiro e tendo como capelão o padre Fernando Abaht. A Colônia chegou a albergar mais de duzentos internos, dentre eles o primeiro paciente foi o Sr. João Ferreira da Silva na época tinha vinte seis anos de idade natural do município de Campina Grande- PB

### **Da lepra à hanseníase: o olhar da história**

A hanseníase sempre foi vista na história como uma doença que não tinha cura, contagiosa, e, que mutilava, desfigurava seu portador, e era vista como uma maldição, pois no imaginário popular o doente devia ter cometido o pecado mortal, sem perdão para

merecer tal maldição e isso gerou uma grande discriminação, e, os portadores da doença conseqüentemente foram excluídos do convívio social.

Desde a Antigüidade os doentes de “lepra” foram postos a margem da sociedade, a palavra lepra por si só já é um preconceito, pois o termo vem da antiga palavra grega *lepra*, que Hipócrates um médico grego usava para definir as erupções na pele, mas essas erupções sem dano aos nervos como a hanseníase,.

Segundo FARRE<sup>4</sup> a lepra no sentido bíblico comumente usado nos textos do Antigo Testamento foram traduzidas para o grego a palavra hebraica *tsara' ath*, que tinha o significado “ímpio” ou “profano” ganhou a denominação de lepra; essa palavra era usada tanto para descrever as pessoas contaminadas pela doença, como para denominar as pessoas que haviam cometido uma falta espiritualmente muito grave. Portanto, a palavra “lepra” passou a ter um significado plenamente religioso, pois para se purificar das impurezas era necessário todo um ritual religioso.

Ainda segundo a autora desde os tempos das cruzadas que perdurou de 1095-1272 d.C. até o século XIV, a lepra espalhou-se, por motivos misteriosos, pela Europa, infectando os europeus. Conforme relata:

Quando no, final do século XI, os primeiros cruzados começaram a voltar de sua missão de reivindicar a Terra Santa junto aos muçulmanos, foram saudados como guerreiros de Deus. Aconteceu também que a lepra predominava na Terra Santa, e alguns cruzados, durante suas campanhas, pegaram a doença. Ao exibirem os primeiros sinais da lepra, a Europa estava diante de um enigma. Para os cristãos, os guerreiros faziam um trabalho divino, salvando ao cristianismo do modo que podiam, pela espada, inclusive. Então, como era possível esses guerreiros santos, homens abençoados, sofrerem da doença dos pecadores?<sup>5</sup>

A Igreja para explicar tal acontecimento encontrou na Bíblia um aspecto novo para a lepra, recorrendo a versículo de Isaías 53:4, que diz: “Certamente, ele suportara nossas enfermidades e carregará nossas dores; e julgamo-lo leproso, alguém atingido e atormentado por Deus” os líderes da Igreja declaram que o versículo era uma profecia de que Jesus Cristo iria contrair a lepra, outros que Jesus de fato havia contraindo a lepra e sendo assim a doença se tornaria sagrada, pois o Filho de Deus, Jesus, havia sofrido de tal infortúnio, então o leproso passou a ser honrado por ser infectado com a mesma doença que o Salvador da humanidade contraiu. Os leprosos passaram a ser vistos com caridade e deviam ser acolhidos com carinho e amor.

O leproso quando descoberto era levado para uma igreja, onde se erguia uma tenda de pano preto defronte ao altar, onde o sofredor infectado se ajoelhava, enquanto isso uma missa era proferida para ele. Logo após ele era levado para um leprosário, onde o padre, como estivesse jogando poeira sobre uma cova, jogava poeira no doente e proferia estas palavras: *“Esteja morto para o mundo e novamente vivo para Deus”*. Os doentes sofriam preconceitos desde muito tempo, eles eram obrigados a usar roupas especiais ou algo que os marcasse como impuros; tinham que carregar um sino ou bater dois pedaços de madeira para avisar as pessoas sadias de sua aproximação, sob forma alguma podia tomar banho no rio da cidade, não podiam também andar pelas ruas estreitas, pois as pessoas corriam uma grande risco de encontrá-los, não podiam falar alto só murmurar para não espalhar seu hálito sobre os outros, em muitas regiões eram proibidos de tocar em crianças, freqüentar os mercados ou até mesmo entrar nas cidades. No reinado de Henrique II da Inglaterra e de Felipe V da França, os contaminados de lepra eram queimados vivos na fogueira, e o neto de Henrique, Eduardo I, eles, os doentes eram enterrados vivos.

No município de Bayeux os doentes de hanseníase não foram tratados de maneira diferente do restante do mundo; sofreram muito preconceito, até mesmo porque a população não sabia como lidar com essas pessoas de aparência tão frágil e assustadora. Provêem desse medo do desconhecido a discriminação e o preconceito para com essas pessoas que viviam em leprosários. Os infectados não podiam deixar o leprosário, não sem antes ser submetido a exames e receber uma autorização por escrito do diretor e do médico da instituição, só assim poderiam sair para visitar seus familiares e etc.

No imaginário popular os portadores da “lepra” são pessoas totalmente desfiguradas que atacam crianças para ingerir o seu fígado e assim ficarem curados da doença. Durante muito tempo circulava na cidade a história de que havia pessoas seqüestrando crianças para matá-las e retirarem seus fígados e darem aos leprosos; M.G.S. lembrou-se de quando criança sua mãe contava que:

Seu irmão (Oliveiro) morreu aos dez anos de idade e que um homem procurou o seu pai para comprar o fígado do menino morto, ele daria três contos de reis pelo fígado meu avô negou-se a permitir tal barbaridade e pagou ao coveiro para que ninguém profanasse o túmulo do meu tio. (M.G.S. 09/06/2008)

Segundo o relato do sr. Dárliton Guedes Chaves, que veio residir em Bayeux em 1987, o seu vizinho, seu Luís, falava que o papa figo era um senhor, careca de dentes tortos que andavam com um grande saco nas costas, e que nesse saco ele leva as crianças que ficavam brincando até tarde na rua e que não obedecia as mães. E que essas crianças

eram levadas para o leprosário, para que os leprosos comecem o seu fígado e assim ficar curados da enfermidade.

A senhora Maria José da Costa, que mora há mais de quarenta anos na cidade, falou que quando criança sua mãe dizia que se ela não se comportasse direito, iria levá-la para os leprosos comerem seu fígado e os descrevia como criaturas horrendas com enormes orelhas e um grande buraco no lugar do nariz, além de que tinham unhas enormes para rasgá-la de uma ponta a outra. D. Maria José nos contou que houve uma época em que muitas crianças desapareceram da cidade e muitos achavam que tinham sido raptadas pelo “papa-figo”, ou seja, os leprosos.

A maioria dos entrevistados descreveu o papa figo, como sendo ora uma pessoa idosa que andava com um saco nas costas, ora como uma pessoa extremamente pálida, de grandes orelhas, olhos grandes, nariz e boca deformada e andava sempre vestido de preto, e nem sempre era ele em pessoa que seqüestrava as crianças, mas às vezes usava uma espécie de “equipe” que rodava pela cidade a procura de crianças desavisadas que ficava, até tarde na rua. Percebemos aqui a relação do para-figo com o velho do saco, mito europeu de um velho que andava sujo, mal vestido com um grande saco nas costas, geralmente o saco cheio de crianças que ele sequestrado caminho. Reza a lenda, que as crianças do saco que o velho carrega, eram crianças que estavam longe de algum adulto em frente às suas casas ou brincando na rua. O velho pegaria a criança caso ela saísse sem ninguém de dentro de casa.

No imaginário da população na década de 80, todo carro preto que parasse próximo onde houvesse crianças, era para raptá-las. Conta a lenda que a criança era morta e não tinha só o fígado retirado como também o seu sangue era usado para passar em suas chagas.

Entrevistamos também o Sr Sérgio Campos dos Ramos, que mora no município há trinta e seis anos, ele nos revelou que as mães das crianças geralmente usavam o mito do “papa figo” para obrigarem as crianças a dormir, comer e não sair na rua e que a obedecessem e se comportarem bem, e isso causavam grande medo nas crianças inclusive nele também. A família do Sr. Sérgio morava na casa de uma senhora que era portadora de hanseníase e ela morava em fortaleza e quando via a Paraíba ficava hospedada na Colônia. Há um cemitério na propriedade da instituição onde são sepultados os portadores da doença, pois comenta ele, que era proibido sepultar um leproso no cemitério público por conta da doença ser contagiosa.

Apesar de não haver uma concordância dos pacientes e dos da população do município (Bayeux) em relação ao cemitério, nas décadas posteriores a sua fundação. O Sr. José nos conta que: *“que os leprosos não podiam se enterrar lá, porque as pessoas têm medo de pegar a doença”* (J.C.D, 19/06/2008), então, a partir desta narrativa, percebemos que

mesmo após a morte, os doentes ainda ofereciam risco a sociedade. A construção do cemitério local afirma o Sr. Hortêncio Maciel nada tem haver com estas brincadeiras de trancoso, acrescenta ainda que havia grandes famílias paraibanas que levaram os cadáveres as suas localidades de origem em vez de sepultá-los lá na colônia. Expõe que o cemitério fora construído devido a distância da Colônia para com os municípios dos albergados no Estado da Paraíba e até mesmo de outros Estados o *“caixão podia sair, mas os pacientes não, então construíram o cemitério para podermos acompanhar o cortejo, não até a porta da Colônia mas até o seu sepulcro”*. O Sr. R. L. C. (que não quis se identificar 10/06/2008) nos relatou que estava fazendo uma caminhada pela mata do Xexém (localizada no município de Bayeux) e ao encontrar um grande buraco o guia lhe informou que o mesmo era usado para queimar os doentes de lepra que estavam em um estado muito avançado, e encontrava-se desfigurados por isso eram lançados neste buraco e queimados vivos, aludindo a história de Henrique II da Inglaterra e de Felipe V da França, mencionados anteriormente neste trabalho em que os mesmos empregavam estas práticas. Tendo uma forte relação com a construção no imaginário popular do município de Bayeux. A Colônia teve que se adaptar as condições de primeiras necessidades dos doentes, pois socialmente não eram bem vistos ditos como seres abomináveis e títulos com tons discriminatórios e medonhos. Para a comodidade dos pacientes foi construída uma capela, um cemitério, uma área de lazer para que os albergados pudessem divertir-se já que não era permitida a sua saída das dependências da instituição. As festividades eram comemoradas no interior da Colônia; conta o Sr. Hortêncio Maciel que lá se festejava carnaval, São João inclusive com comidas típicas, os músicos uns eram da própria Colônia que nestes momentos esqueciam o mundo lá fora e faziam de lá o seu. Todas as noites havia uma contagem dos internos para averiguar se estava faltando alguma pessoa, quando constatado era feita sua localização e levado para uma sala reservada para este tipo de inflação e lá recebiam suas punições.

Muitos de início estranharam estar longe de casa e relacionar com outros portadores residindo em local específico determinado por medo dos populares. Seu Hortêncio comenta que até para ver seus pais era através de um vidro que bloqueava o contato físico entre eles. No leprosário os pacientes moravam e casavam, porém, seus filhos eram levados para um orfanato chamado de Eunice Whoever localizado nas proximidades da Colônia; eram recolhidas lá e os pais (hanseniano) não tinham mais contato com seus filhos, há não ser as vezes, mas só através de um vidro que ficava na sala de visita da Colônia. Algumas crianças foram levadas pelos parentes próximos dos albergados que cuidavam e criavam as mesmas.

Diante desse cenário de extremo confinamento, surgiu nos arredores do bairro e que logo se estendeu para toda cidade a figura do “papa-figo” e este estigma perdura até hoje, porém, com menor intensidade. A discriminação não ocorria apenas na cidade de Bayeux e assim também nas cidades interioranas do Estado. O Sr. Hortêncio expõe sua dramática situação a que estava sendo condicionado pelas autoridades municipais e por seus familiares, que lutaram e relutaram em combate às pressões sociais que por não conhecerem e até por não haver tratamento, o medo, a insensibilidade o fizeram de um homem solitário e amargurado, um vencedor. Na sua vida conta que quando morava com os seus pais na cidade de São José do Rio do Peixe e descobriram que ele tinha a doença,

“(…) começou as fofocazinhas que sempre existe. Eu morava num sítio, meu pai tinha uma propriedade que hoje quem esta lá é meus irmãos, então um dia papai recebeu uma intimação e ele foi a delegacia, quando chegou o delegado disse que não era aqui, mas na prefeitura; papai foi com o delegado na prefeitura e ao chegar o prefeito constitucional falou que ‘aqui na cidade correm rumores que você esta com filho leproso dentro de casa, se você não retirar esse menino de dentro de sua casa... de sua casa não vai sair nada’, porque meu pai era machante matava gado nas sextas-feiras, fazia carne-de-sol, vendia muito algodão, milho, arroz, feijão e tudo, aí ele disse: ‘você tem propriedade e eu não posso botar pra fora a primeira colônia ainda não inaugurada (...) mas tem uma em Natal, tem num Ceará, eu não posso mandar paciente da Paraíba pra lá isso eu não posso dizer, mas eu quero que você tire o menino de casa’. Papai voltou chamou um cunhado casado com uma tia minha irmã de papai e um irmão meu, que já era casado, então conversaram e fizeram uma reunião. E dentro de quatro dias fizeram um chalé para mim dentro de um mato, e a única pessoa que ia lá era a minha mãe.(...) quando fizeram a casinha pra mim mamãe chorou muito, pensou que tinha saído um caixão de dentro de casa e eu disse: ‘não, mamãe eu vou pra lá, vou criar meus passarinhos’ (...) naquele tempo era muito forte, muito forte mesmo passei oito anos lá nessa casinha fui pra lá com dez e sai com dezoito anos pra vim pra qui. (...) então papai com a promessa de votos para um candidato ao governo apoiado pelo atual governado (na época) para arranjar um transporte em João Pessoa pra levar o filho que estava doente de lepra, ele prometeu que quando foi no dia 23 de dezembro chegou o carro pra mim trazer pra João Pessoa o carro do lixo. Hortêncio Maciel. (23/05/2008)

Durante a nossa pesquisa percebemos que os portadores e ex-portadores de hanseníase ainda sofrem grande preconceito por parte da população local, mesmo tendo sido curados e sabendo-se que a doença tem cura, muita pessoas têm medo de um contato direto com os portadores, até mesmo porque desconhecem da verdadeira sintomatologia desta patologia, pois muitos dos ex-doentes apresentam seqüelas físicas e tentam lutar contra a discriminação e a indiferença que a sociedade os proporciona. O Grupo MORHAM (Movimento de Reintegração do Hanseniano) organizam-se para defender os direitos dos infectados pela doença.



## Notas

- 1- LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. Trad. Eduardo Brandão. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 28
- 2- PRINS, Gwyn. "História Oral" In BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas perspectivas**. Trad. Magola Lopes. São Paulo. UNESP, 1992
- 3- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária de políticas de saúde. Guia para o controle da hanseníase. Caderno de atenção básica nº 10, Brasília, DF, 2002 p. 12
- 4- FERRELL, Janete. **A assustadora História das pestes e epidemias**.. São Paulo: Ediouro, 2003 p. 74-92
- 5- FERRELL, Janete. **A assustadora História das pestes e epidemias**. São Paulo: Ediouro, 2003 p. 75